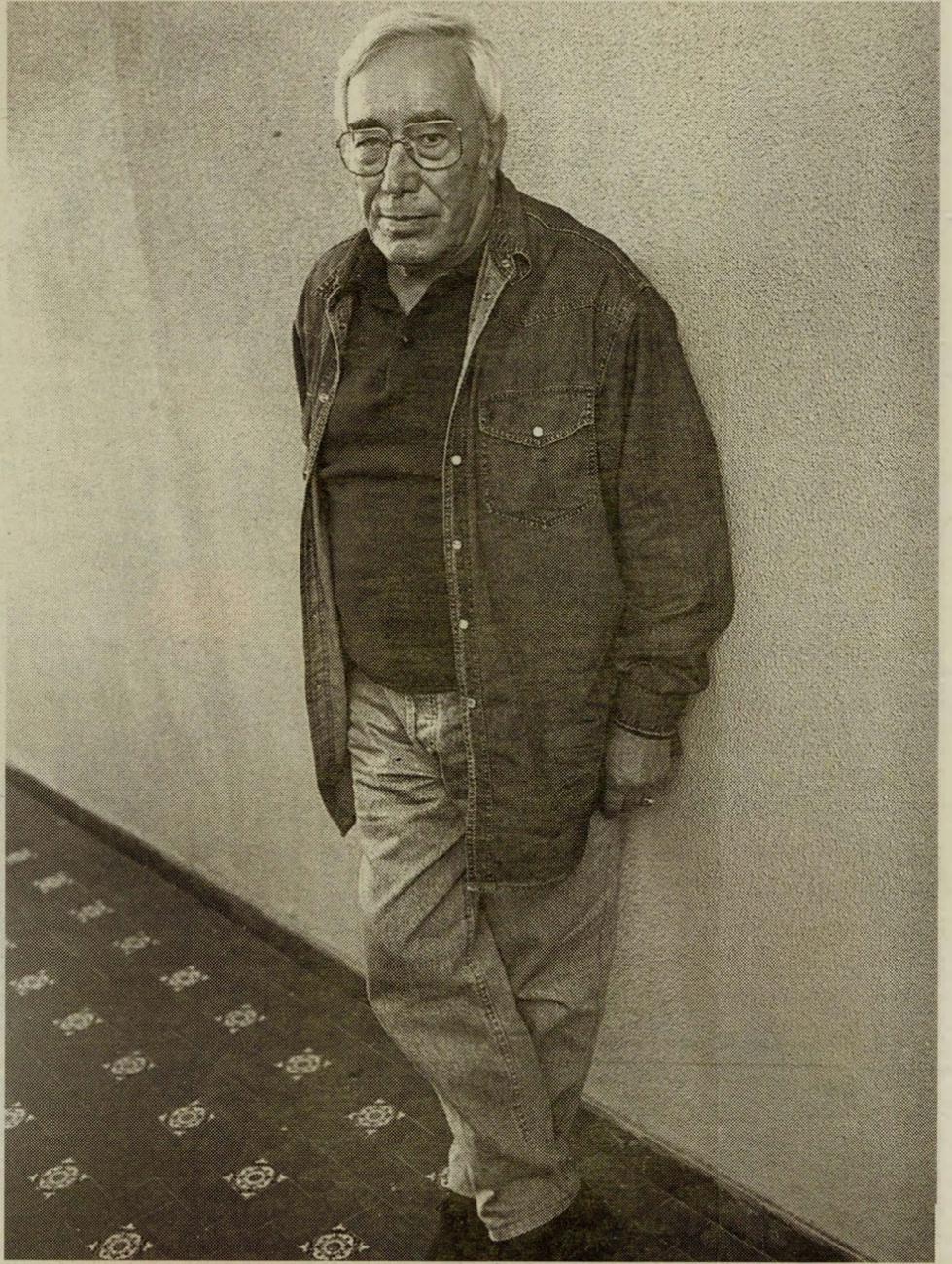


# Cardoso Pires

## ‘Cada um traz dentro de si os seus animais particulares’

Sete fábulas à espera de serem decifradas. Contos em que os protagonistas são quase todos animais construídos à imagem dos que os corromperam com os seus próprios mitos. *Por Sofia Lorena*

PEDRO CUNHA



Sete contos reunidos num livro escrito com o objectivo assumido de “criar uma república fabular encimada pelo corvo lisboeta”. “Uma espécie de zoo, em que o homem se visitasse a si próprio através do animal doméstico ou familiar que ele viciou à imagem das suas corrosões e dos seus mitos.” É “A República dos Corvos”, de José Cardoso Pires, publicado em 1988, conjunto de fábulas situadas em Portugal antes e depois do fim da ditadura.

Bem-vindos, então, ao zoo de animais prontos a apontar as falhas humanas; grandes e pequenas, sejam elas quais forem, mais ou menos desculpáveis, como tudo o que é humano. A começar, como anunciado, o corvo lisboeta que coroa e dá nome à república de alegorias, de imagens de si e dos seus habitantes.

Como protagonista entre os corvos, o Corvo Vicente, lisboeta de nascimento. Malandro e folgado, passeia-se entre a tasca do taberneiro que o tentou domesticar, largos repletos de pombas brancas, o Tejo e as conversas com a sua amiga galinheira. Farto das lendas que inventam a seu respeito, ofende-se quando a galinheira, sua confidente, o confunde com as pegas do tecto da Sala com o mesmo nome e por causa dela e do seu grande coração acaba ele próprio transformado em lenda.

Nem só de aves e das suas vozes se faz este zoo – por aqui também entramos, por exemplo, em insectos silenciosos. É o que acontece no terceiro e mais kafkiano dos contos, aquele em que conhecemos as desditas do engenheiro Kapa, “Franzisco Kapa umas vezes, noutras Franz Kapa ou Franz K., sempre engenheiro de minas”.

Ao serviço da extracção de volfrâmio nas minas de Castro Alvor desde o terceiro ano da Segunda Guerra Mundial, por ali terá ficado, porque, judeu como todos supuseram desde a sua chegada, não tinha outra forma de evitar ser entregue aos nazis. Alheio a tudo e a todos, interessava-se apenas por insectos, especialmente os que procuram a companhia do homem, acima de todos as baratas. Até acabar afogado nelas depois de se ter transformado ele próprio “num despredador desta família de insectos”.

Regressemos aos pássaros para nos concentrarmos no Azougueiro, a ave africana de que os co-protagonistas da estória só conhecem um exemplar, o pássaro que contém em si todos os pássaros. Faisão, pato, papagaio, cegonha, melro,

dotado ainda das capacidades do camaleão.

É “O Pássaro das Vozes”, mas está calado quando o conhecemos. Nascido nas florestas do Quanza, caiu de pára-quadras em Portugal, trazido por um pobre comerciante português que se pôs a fugir “quando os negros tomaram conta de Angola e os ricos fazendeiros se puseram a andar para a Pátria-Mãe”. Arranca do primeiro da imensidão da natureza, encarcerado numa gaiola de bambu, desenraizado, transferido de dono em dono, alvo de infrutíferas tentativas de reeducação. “Isto dói senhores – então não dói?”

### Imperador dinossauro

Entre o misterioso “Lulu”, e o delicioso relato de um congresso em que todos os intervenientes são cegos (“congressistas de cegueira erudita e todos eles da mais alta reputação”) conduzidos e assessorados por cães (“Os Passos Perdidos – Informe sobre um Congresso”, parte considerável da colectânea é preenchida como célebre “Dinossauro Excelentíssimo”, publicado pela primeira vez em livro em 1972.

Caricatura da ditadura, conta-nos como uma criança que se podia chamar Adolfo, mas também Augusto ou Benedito, e que talvez nem tenha chegado a ter infância, chega a imperador de lema “Saber e Autoridade, Saber e Autoridade, Dinossauro”. Doutor entre os doutores, acaba trocado, tratado como se continuasse no trono da verdade e depois transformado em lenda que pode aparecer a qualquer momento, empunhando o seu último discurso. “Paz à sua alma – se é que continua vivo. Porque se trata de alguém a quem roubaram a morte própria, em castigo da mentira com que ele mesmo se inventou.”

### Porcos-alados ao pôr-do-sol

“Há sempre um animal a acompanhar percursos da nossa vida”, discorre o juiz reformado (“Ascensão e Queda dos Porcos-Voadores”), que, numa ida outonal às termas, acaba fascinado pelo grupo de porcos-alados que só ele vê cruzar os céus ao pôr-do-sol.

Enquanto o juiz se distrai em busca dos porcos, as atenções do resto dos hóspedes da estância junto ao oceano acabam concentradas na desventura da menina desolada e febril depois de alguém ter transformado em trapos o seu inseparável burro Pintinhas. Situação absolutamente normal para o

magistrado, aparentemente o único que já sabe que “cada um traz dentro de si os seus animais particulares”.

“A República dos Corvos”, “Ascensão e Queda dos Porcos-Voadores”, “As Baratas”, “Lulu”, “Os Passos Perdidos – Informe sobre um Congresso”, “Dinossauro Excelentíssimo”, “O Pássaro das Vozes” – “zoologias dramáticas”, diz o autor, fábulas de sempre pela mão de um contista único. “Todos nós carregamos uma espécie de bestiário privado, é isso?”, pergunta desconfiado o juiz do corpo ao juiz da razão. “Porque não?” ■